

O QUE É QUE CONSTITUI E CARACTERIZA A EUROPA? Um conceito etnológico, básico, para a criação de um Museu Europeu

por

Wulf Köpke

Quando das minhas visitas a Portugal tive sempre a oportunidade muito apreciada de discutir com Ernesto Veiga de Oliveira sobre a melhor maneira de apresentar as culturas europeias dentro dos moldes dos museus etnológicos. Existe em Lisboa o único museu etnológico europeu, além do implantado em Hamburgo, que sistematicamente coloca nas suas exposições a cultura nacional lado a lado com as culturas estrangeiras dos continentes não europeus, enquanto o Departamento Europeu do Museu Etnológico de Berlim, de que sou o director, se encontra fechado desde há dezenas de anos e que, tal como o Departamento Europeu do Musée de l'Homme em Paris, não inclui a cultura do próprio país. Resultou das nossas conversas o meu veemente discurso em defesa da criação de um departamento da Europa em todos os museus etnológicos europeus existentes, defesa esta expressa na publicação comemorativa em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira¹. É também a ele que devo indicações preciosas acerca de alguns artigos e ideias de Jorge Dias, referentes às relações entre a etnologia focando a cultura nacional e a de outros países, de grande importância para a discussão e que, durante muito tempo e injustificadamente mal se conhecia entre nós.²

¹ Köpke, Wulf «Europa — um continente supérfluo? Para o planeamento da exposição permanente da Secção Europa do Museu Etnológico de Berlim» In: Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, 1989: pp 325-327. Lisboa.

² Realçar principalmente: «Volkskunde und Völkerkunde» in: Proceedings of the IV International Congress of Anthropology and Ethnology, tomo II, Viena 1952, pp. 14-20; «Nomenclature and Subject-matter of Folklore (Ethnology, Volkskunde und Folklore)» separata de Actas do Congrès International d'Ethnologie Regionale, Archem, 1955, pp. 1 - 14; «Etnologia, Etnografia, Volkskunde e Folklore» in Douro Litoral, 8ª série I-II, Porto, 1957, pp 61-77; «Folklorismus in Portugal» in: Zeitschrift für Volkskunde, Stuttgart, 1969, I, pp. 47 - 55.

Mas concebemos, além disso, ideias que apontavam numa direcção muito diferente, ou seja, à necessidade de nos preocuparmos mais com a Europa. Estas ideias, surgiram de fotografias provenientes de uma pequena exposição em Berlim, intitulada «A Europa dos povos — a unidade na diversidade», que apresentei em Lisboa. Esta exposição mostrava que a maior parte das pessoas, os etnólogos incluídos, desconhece a diversidade cultural do nosso continente. As primeiras tentativas de estudar a Europa isoladamente passaram, entretanto, a ser consideradas muito concretamente. Pretende-se retirar do Museu Etnológico de Berlim o Departamento Europa que, num museu europeu independente, seria reunido com o espólio dos dois museus etnológicos — o de Berlim Este e o de Berlim Oeste, até hoje situados em Estados diferentes. Já não foi dado a Ernesto Veiga de Oliveira assistir a este desenvolvimento, pois que ele, Europeu e cosmopolita, ao mesmo tempo profundamente enraizado em Portugal, a sua terra natal, ficaria muito vivamente interessado nesta ideia. É o que me leva a apresentar aqui o meu conceito da mesma maneira como o teria feito a ele.

Espero que contenha também um pouco do seu espírito...

No entanto, e com o fim de esclarecer as pessoas não familiarizadas com o assunto, acerca do fundo sobre o qual se desenha este conceito, queria apresentar uma pequena introdução elucidativa.

É do conhecimento geral qual a situação histórica de que viria a nascer o museu: o desaparecimento dos blocos ideológicos até há pouco existentes no nosso continente, libertando-se, assim, países na Europa de Leste e de Sul, em que irrompem com veemência antigos egoísmos, receios e conflitos nacionais e, finalmente, uma Alemanha reunificada e tão intensamente preocupada com os seus próprios problemas que concentra todas as suas atenções sobre o próprio povo, deixando fora do seu campo de visão a dimensão europeia. Os países da Europa Ocidental, na sua maioria membros da «Comunidade Europeia», não são afectados na mesma medida por este movimento que agita os de leste. Mas também no oeste as discussões apaixonadas sobre a Europa, conduzidas com tanto empenho após as duas guerras mundiais, abrandaram — passou a ser uma visão pálida sem força de convicção. «Europa» é uma palavra que não se pronuncia mais, senão nos discursos comemorativos, limitados, ainda por cima, ao foro da CEE.

³ O problema é também objecto de estudos no Museu Etnológico de Hamburgo, secundando os nossos esforços; também em Hamburgo desejam ampliar o património de objectos europeus, se bem que com menos esperanças, pelo menos neste momento, de chegar a concretizar um projecto deste género dentro dos tempos mais próximos. O conceito «Museu da Europa» por exemplo, foi criado pelo director do departamento da Eurásia de Hamburgo, o Sr. Dr. Rüdiger Vossen. Ver sobre este ponto: Rüdiger Vossen, «Ein Museum der Zukunft», in: Volker Harms et al. (Edit. Völkerkundemuseum 1990. Festschrift für Helga Rammow. Lübeck 1990, pp. 119-130)

Em face desta situação podemos perguntar se há algum interesse em criar um museu europeu? Não significaria pretender insuflar vida a um cadáver? Não há dúvida que as palavras «Europa», «europeu», «cidadão europeu» e um rol de combinações com o prefixo «Euro-» se utilizam em toda a parte, pois a boa educação manda assumir o papel de «europeu». Mas convém esclarecer, se a fundação projectada do museu novo visa apenas navegar por sua vez nesta onda da moda, ou se o plano corresponde a um interesse verdadeiro.

Um museu europeu em Berlim seria o primeiro do género no mundo — o que não seria uma coisa tão especial como pode parecer à primeira vista, dado que, apesar do entusiasmo antigamente evidenciado no conceito político da Europa, a cultura dos povos europeus mereceu pouco interesse no âmbito museológico. Colecções significativas de objectos de etnologia europeia existem apenas no museu etnológico de Berlim, de Hamburgo, de Paris, de Lisboa e, no Japão, de Osaka, e, ainda, no Museu Etnológico de Basileia. A cultura europeia parece suscitar o interesse público apenas no caso de se tratar de arte ao mais alto nível. É um facto que qualquer cidade de alguma importância dispõe de vários museus de arte europeia, bem como de outras instituições mostrando objectos da alta cultura, mas nenhuma que se ocupem dos aspectos globais da cultura popular europeia. Não é, portanto, injustificado perguntar se um museu deste género — visto até hoje ninguém se ter lembrado de o criar — tem alguma razão de ser, e, em caso positivo, se existe a possibilidade de satisfazer as condições inerentes. Com o mesmo direito podia-se perguntar ainda, como é que se pode definir (e apresentar) aquilo que é «tipicamente europeu»?

A fim de dar uma resposta a estas perguntas, tivemos de procurar determinar os elementos característicos, constitutivos da cultura europeia na sua totalidade. Tinha que se verificar também se o nosso projecto despertaria, no público, um interesse real. Não foi tarefa fácil de cumprir, dado que o Departamento Europa no Museu Etnológico de Berlim foi aberto ao público, há mais de meio século, apenas na ocasião de se organizarem exposições especiais, de pouca duração. Fora destes breves períodos permanece fechado nos armazéns de reservas. Para verificar se existia algum interesse no público, lançámos mão de um «balão de ensaio», e organizámos em 1989 uma pequena exposição itinerante denominada «A Europa dos Povos — Unidade na Diversidade». A reacção dos visitantes e também dos meios de comunicação ultrapassou de longe as nossas expectativas. Dentro de muito pouco tempo concluímos, para a mostra, contratos que se estendem até o ano de 1992. Assim, obtivemos rapidamente a resposta à pergunta de saber se havia uma necessidade de uma fundação deste género: a falta

⁴ Em colaboração com a Comissão da Comunidade Europeia — Departamento de Imprensa e de Informações — Bonn/Berlim e a Sr^a. Dr^a. Rose Haferkamp do Instituto de Formação complementar Cultural e. V. Köln.

aparente de interesse no público resulta da falta de ofertas apropriadas, pois em todas as informações sobre a Europa, o assunto «cultura» passa modestamente ao plano secundário, cedendo o primeiro lugar aos problemas políticos e económicos. Responder às perguntas: em que consiste, afinal, a «unidade europeia», que aspecto há de apresentar a identidade comum dos Europeus, ou porque é que todos vivem «na casa europeia», ou quem faz parte desta unidade e por que razão — é considerado uma imposição incómoda; correspondentemente as respostas são muito sumárias.

Na realidade o público tem o maior interesse em obter respostas fundadas a estas questões e informações sobre a cultura dos países vizinhos. No entanto, não escapámos às consequências da informação insuficiente, fornecida até hoje. Um bom número de visitantes, mas também colegas e jornalistas acharam — antes de ver a exposição — que o tema é irrelevante, pois na Europa não há nada de novo; no fundo, tudo é conhecido em todos os cantos e recantos e, portanto, enfadonho. Confesso que até nós tínhamos, inicialmente, algum receio, mas averiguámos rapidamente e para nosso espanto que os nossos conhecimentos sobre muitas partes da Europa estavam bastante limitados. Tivemos de reconhecer que, para os leigos, a Europa ficou «um continente desconhecido». Por exemplo: o que é que o leitor médio do jornal diário sabe acerca dos Gagausos — eles acabam de proclamar uma república autónoma em território soviético — acerca dos povos caucásicos tais como os abchastos, os ossetos, os mingrelios — no território deles houve, nestes doze meses mais recentes, conflitos violentos — acerca dos croatas e sérvios — que ele, o leitor, achou tão simpáticos quando passou as suas últimas férias na terra deles e que, mais uma vez, querem matar-se mutuamente; acerca dos sorbos — são a única minoria étnica no território da antiga RDA. Para defender a sua situação que receiavam ser ameaçada pela reunificação da Alemanha, pediram ajuda à «Sociedade para a defesa dos povos em perigo»?

O leitor matutino abana a cabeça ao ler o que se passa com os nacionalistas bascos, flamengos, corsos ou irlandeses, não chega a compreender a sua motivação. Ou, para citar outros exemplos, há poucos europeus vivendo fora dos países respectivos que sabem que na Espanha existem várias nações, não apenas «espanhóis», ou quais são as quatro línguas que se falam na Suíça, Podíamos citar um número infinito de exemplos.

Entre nós são raras as pessoas que têm uma noção exacta da diversidade existente no nosso continente, que são conscientes de que é constituído por 35 estados, mas que há 150 a 200 etnias mais ou menos importantes vivendo na

⁵ Como Rüdiger Vossen de Hamburgo teve a amabilidade de nos informar, o Departamento Eurásia no Museu de Etnologia de Hamburgo é igualmente o que tem o maior número de visitantes.

Europa. Depois da exposição «A Europa dos Povos» ter sido apresentada em algumas cidades, tornou-se, para nós, um facto inegável que o anseio do público de ser informado tinha sido drasticamente subestimado por todos, tanto do lado museológico como do político — facto este que justifica, já em si, a criação de um Museu da Europa. Mas quais as características a conferir a este museu?

Um museu deste género tem que simbolizar a «ideia da Europa», ou seja a consciência da unidade espiritual do nosso continente. Ao mesmo tempo, porém, terá que demonstrar a sua grande diversidade cultural, acentuando que não se pode admitir que a unidade procurada venha a ser idêntica com uma uniformização, como alguns estão a recear (e que a CEE já tem causado em certos casos). Só a consciência da unidade existente pode justificar que a Europa se entenda como continente no verdadeiro sentido da palavra, pois este «apêndice da Ásia», com os seus limites geográficos bastante arbitrários, não é, na realidade, senão uma grande península pertencente à terra asiática. É a dimensão histórica da ideia da sua unidade espiritual que distingue o nosso continente de todas as outras regiões do mundo; na verdade, este conceito deve ter existido já nos tempos em que os exércitos cristãos venceram, em 732, os inimigos árabes em Tours e Poitiers.

Um museu europeu devia possuir, ainda, alguma da força visionária da «ideia de Europa». Devia proporcionar a convicção de que a unidade não é a consequência directa do ajustamento das normas económicas, mas que, pelo contrário, representa, em primeiro lugar e em especial, um processo espiritual-cultural. É precisamente em face do desenvolvimento de sociedades multi-culturais nos estados industrializados que o museu poderá evidenciar que o conhecimento mútuo representa um capital político que urge aproveitar — sendo o museu não apenas um instituto de ensino, mas sim um centro de informação e formação política.

Em face deste postulado, o técnico de museus enche-se de receios e hesitações, pois surge-lhe imediata e urgentemente a questão: como é que se visualiza uma ideia no museu?

Quando estávamos a preparar a exposição já referida «A Europa dos Povos» — empreendimento experimental ou pré-projecto do museu europeu — a solução do problema não nos pareceu muito complicada.

Impunha-se adoptar como base as duas características fundamentais da cultura europeia, por nós elaboradas, nomeadamente a «dupla» conceptual constituída por um par contrastante: «unidade espiritual» e «diversidade dos povos e das culturas».

⁶ Conforme a definição do conceito de «povo», bastante complexo.

No entanto, pôr este projecto em prática provou não ser tão simples.

Revelou-se difícil determinar com toda a nitidez a diferença entre as culturas, demonstrando por meios museológicos as características que as distingue.

Tentámos definir o que é «tipicamente» basco, português, alemão ou búlgaro, e, confesso, falhámos nesta tentativa.

Tantas características culturais, tantas feições da cultura material, como móveis, utensílios, arados ou tipos de embarcação — como também da cultura espiritual — contos de fadas, canções e provérbios — provaram ser, não só nos países vizinhos, iguais ou, pelo menos tão semelhantes que, no fim, tivemos dificuldades em determinar o que é típico. Muitas vezes parecia-nos que era menos característico aquilo que uma cultura possui, do que aquilo que, comparada com outra, lhe falta.

Por outro lado, era relativamente fácil determinar o que é «tipicamente» europeu, tendo-se de aplicar, porém, muitas vezes métodos negativos, realçando o que o distinguia das culturas não europeias. Ao organizar a exposição, tivemos em conta estas dificuldades, dando destaque à «unidade». De facto, escolhemos, nos quinze países considerados, características culturais que se apresentavam, à primeira vista, como «tipicamente» italianas, francesas, estónias, etc. Mas olhando melhor, constatava-se logo: já vi coisas iguais ou bastante parecidas no nosso país, cu provenientes de um país totalmente diferente. As reacções dos espectadores confrontados com este facto eram muitas vezes surpreendentes, mesmo para nós. Houve, por exemplo, uma senhora búlgara, vivendo na República Federal da Alemanha há 20 anos, que reagiu exactamente como esperávamos. Reparando nas fotografias ilustrando o tema (pouco vulgar) da «cultura de tabaco na Alemanha», ela desatou a chorar. Tudo o que via nas imagens, até os lenços que as trabalhadoras francónias levavam na cabeça, tudo se apresentava exactamente como na sua terra búlgara, e, ao mirar estas fotografias, ela sentiu-se, como ela acentuava, pela primeira vez «em casa» também na Alemanha.

Dáí resulta, para a organização do museu, a conclusão de que é imprescindível prestar atenção principalmente às diferenças culturais relativamente insignificantes, mas que parecem ser constitutivas da consciência de si próprio dos povos respectivos. No entanto, deverá estudar-se este problema mais pormenorizadamente. As relações entre russos e ucranianos, ou entre castelhanos e portugueses parecem-nos de particular interesse neste contexto. Será uma tarefa importante a cumprir pelo museu tornar bem nítida a diversidade das culturas, por mais insignificantes que as diferenças possam parecer a terceiros, e de contribuir para que sejam respeitadas. A nossa atenção especial deverá ser dirigida aos povos mais pequenos. «Durante muito tempo consideraram-se apenas as grandes nações como importantes para o bem-estar da Europa. Esqueceram-se as nações mais pequenas. A diversidade desconcertante dos seus nomes e cul-

turas parece não se adaptar aos tempos modernos. Os movimentos regionalistas ou, até, separatistas interpretam-se frequentemente como uma ameaça, um obstáculo que se opõe à tendência de chegar a uma Europa comum. Assistimos quase diariamente, nos noticiários, ao que resulta da falta de atenção aos povos mais pequenos. ... Mas a diversidade cultural, a existência de nações grandes ao lado das mais pequenas pode considerar-se também como «chance» e estímulo. O regionalismo e, derivando deste, um federalismo político, podem contribuir para viabilizar a comparticipação de largas camadas dos povos na vida cultural e, em última análise, na vida política. Estabelecer-se-iam também trocas cada vez mais intensas entre os povos⁷».

Fazendo prevalecer esta ideia, o museu favorece também a consciência da identidade europeia, abrindo, assim, caminho para que sejam ultrapassadas as atitudes tacanhas e nacionalistas. Um museu europeu deverá basear-se num conceito da cultura como sendo o produto da sociedade na sua totalidade, não pode limitar-se só às sociedades pré-industriais, deverá ser, portanto, mais que um museu (alemão) de etnologia em ponto pequeno. Uma visão da cultura completa abarca todos os sectores da sociedade, também da dos nossos dias. Opõe-se ao número crescente de museus especializados em aspectos parciais da cultura europeia, deverá ser um museu integrativo.

Pode dizer-se, em conclusão, que a pergunta formulada no início: haverá uma necessidade real de um museu europeu, ou será é seja apenas uma reacção a uma tendência da moda? Encontrou, assim, uma resposta. É necessário, é muito necessário mesmo. O caminho que leva à sua concretização será longo e difícil, e pode ser bem sucedido apenas se irradiar algo da força visionária inerente à ideia da unidade europeia, contribuindo, ao mesmo tempo, para a consciencialização e conservação da diversidade das culturas, da co-existência fértil de povos grandes e pequenos. Todos os que colaboram deverão manter sempre viva a consciência do carácter especial da tarefa e do seu papel, e deverão conquistar para ele uma ressonância à escala europeia.

A criação deste museu só faz sentido se desempenhar o seu papel inspirado pela Europa na sua totalidade. Convinha não confiar a sua construção a um povo só, neste caso ao alemão.

CONCEITO DE UM MUSEU EUROPEU **Museu da Etnologia Europeia a criar**

Problemas inerentes ao projecto

— Até hoje não existiu nenhum museu deste género.

⁷ In: Wulf Köpke «A Europa dos Povos — Unidade na Diversidade».

- Exceptuando um artigo da autoria de R. Vossen que, no entanto, foca mais o aspecto de um «Museu Europeu ao ar livre»⁸, o assunto ainda não foi objecto de uma discussão pública.
- Impõe-se desenvolver uma maneira de pensar estruturalmente nova; e as dificuldades oferecem, ao mesmo tempo, oportunidades interessantes.

A necessidade de criar um museu europeu

Apesar das afinidades do museu planeado com o Museu de Etnologia (ver parágrafo «objectivo»), a fundação dum Museu Europeu separado justifica-se pelas razões seguintes:

- Valor simbólico dum museu com estas características, sendo um sinal da vontade de integração na Europa, mesmo actualmente, apesar do processo de reunificação interna da Alemanha, parece ocupar o primeiro plano.
- Possibilidade da apresentação em grande amplitude deste conjunto especial, importante para os Europeus, amplitude esta superior àquela que seria possível alcançar dentro do âmbito do Museu de Etnologia.
- Acentuação da importância da dimensão cultural, relacionada com o processo de unificação da Europa na sua totalidade, estendendo-se desde o Atlântico até ao Ural.
- Não se trata, neste contexto, das potencialidades da Europa no sentido político e económico, mas sim das suas virtualidades espirituais do nosso âmbito cultural, pois «são estas possibilidades espirituais que, no fundo, determinam as políticas, económicas e sociológicas» (Jean Gebser)⁹.
- Atribuir a Berlim o carácter de local de implantação de instituições europeias.
- Contribuir à apresentação da cultura dos emigrantes que trabalham no nosso país e, assim, contribuir para a sua integração.
- Necessidade de criar um ponto de identificação e reflexão, face ao processo de integração europeia.
- A localização de um museu deste cariz no centro geográfico do Continente, num ponto de encontro importante das duas metades em que a Europa esteve dividida nestas últimas décadas reveste-se de um elevado valor simbólico e identificativo para todos os Europeus.
- A actualidade e urgência do tema Europa.
- Evidenciar o facto do surgimento de «sociedades realmente multiculturais», desenvolvidas em muitas regiões da Europa. O museu pode fornecer ideias importantes, ajudando a lidar com esta situação.
- Um museu europeu que desempenhe bem as suas funções, mostrando os aspectos reais da Europa, poderá fornecer à política uma excelente orientação científica e facultar ao processo de unificação politicamente ambicionada a base e o apoio histórico e cultural necessários.
- Pretende-se confrontar o número crescente de museus especializados e focando aspectos parciais da cultura europeia, com um museu inspirado dum conceito integrativo.

Conceitos centrais

Os conceitos ocupando o centro das atenções dum museu deste género são os seguintes:

- Europa – as suas origens, o seu carácter e a sua ideia.
- A cultura – a sua génese e a sua função no nosso continente.
- A regionalidade – laços existentes sob condições determinadas por factores geográficos, climáticos e culturais, em parte transpondo as fronteiras dos povos (exemplo: Galiza, Vojvodina, Tirol do Sul).

A ideia de «Europa»

O que é que define a «Europa». O que é que deu a este «apêndice da Ásia» o seu poder, o seu domínio cultural que marcou, nestes últimos séculos, a história e a cultura mundial, tanto no sentido

⁸ Rüdiger Vossen: Ein Museum der Zukunft. In: Volker Harms et al. (Ed.) Volkeskundemuseum 1990. Festschrift für Helga Rammow. Lübeck 1990. Pag. 119-130.

⁹ Jean Gebser In der Bewährung, Zehn Hinweise auf das neue Bewusstsein. Berna/Munique 1962: pag. 82

positivo como negativo. Como é que se pode explicar o facto dos povos deste Continente se terem guerreado durante séculos, com tanta violência e, por outro lado, ter sempre existido o espírito de solidariedade e de unidade?

Para citar R.W. Leonhardt, a Europa actual apresenta-se «às vezes como uma associação, um clube, a que se pode juntar sempre quem se quiser, mas de que se pode também retirar. — Fala-se hoje em dia de uma abertura da Europa em relação ao Este, como se dependesse da boa vontade dos países da CEE; em que medida domina, na Polónia, o espírito europeu¹⁰».

Por mais que, presentemente, a Europa pareça poder interpretar-se perfeitamente por métodos racionais, nunca perdeu totalmente a sua atracção emocional. «A Europa é» como continua Leonhardt, «uma civilização com uma história de mais de 2.000 anos, que teve a sua origem na fusão da antiguidade grego-romana com a religião cristã, tendo recebido a sua formação pelo humanismo e o iluminismo». É uma força espiritual.

Acentua-se frequentemente a necessidade de criar a unidade política da Europa. Mas esta não nasce «ex ovo» pela acção dos políticos. Nem se explica exclusivamente como oriunda da vontade política ou das forças económicas. Estamos conscientes de que já existe esta unidade no âmbito espiritual, nas artes e na cultura, na ética semelhante e nas atitudes semelhantes. «Quando falamos da «cultura europeia» pensamos nos elementos que, dentro das diferentes culturas das nações, são iguais. ... Dentro da Europa há certas feições comuns que justificam falarmos numa cultura europeia» (T.S. Elliot)¹¹.

Houve períodos durante os quais um nacionalismo excessivo ameaçava sobrepôr-se à noção de factores comuns, mas estes nunca deixaram de existir, pois estão enraizados num passado longo. «É Europeu quem leva, dentro de si, a mentalidade e o espírito do ocidente. Isto não significa que tenha necessariamente que conhecê-la, mas que esteja integrada na sua substância. Temos as nossas origens em Roma, em Atenas e em Jerusalém. Adoptámos dos romanos o espírito da ordem estatal e do direito, foi-nos legado pela Grécia o espírito da liberdade intelectual e da beleza, o gosto de tudo quanto é belo, e assimilámos o espírito do Antigo e do Novo Testamento». (Eugen Kogon)¹²

No entanto, aponta-se, além da unidade, também a necessidade de conservar outra característica decisiva do nosso continente, que é a sua diversidade cultural e étnica, tal como definia C. J. Burckhardt: «Todas as tendências para uma uniformização, quer seja política, religiosa ou social, representam, para o nosso continente, um perigo mortal. A unidade forçada, a homogeneização é uma ameaça; o que nos salva é a nossa diversidade¹³». Para citar Enzensberger no seu «Ach, Europa»: «Aquilo que Você chama caos é a nossa «ressource» mais importante. A irregularidade, a «confusão», a etnicidade são a força da Europa. Uma Europa que forma um bloco uniforme é inimaginável¹⁴».

O que citamos a seguir dos escritos de Madariaga e de Ortega y Gasset estabelece, realmente, o programa dum museu europeu, a representação da dicotomia especificamente europeia, da unidade e da variedade dos seus povos e das suas culturas».

«Vista na sua totalidade, a Europa apresenta-se com contornos tão marcados como qualquer das nações de que se compõe. As diferenças entre germânicos, latinos e eslavos desaparecem atrás das semelhanças de família, de modo que, principalmente, vistos sob o prisma dum continente estrangeiro, a gôndola de Veneza e o castelo da Escócia aparecem, de facto, como verdadeiros camaradas e vizinhos. Consideramos... a diversidade europeia, esta abundância quase incrível de tipos nacionais que o nosso pequeno continente criou... No entanto, esta diversidade não é caótica. Nem a maior

¹⁰ Rudolf Walter Leonhardt. *Gehören die Niederlande zu Europa?* In. Jornal semanal «Die Zeit» nº 26 de 22.06.1990. p. 76 Hamburgo

¹¹ T.S. Elliot *Einheit der europäischen Kultur* In *Essays* 1, 1988, 110 f — Francoforte/Meno

¹² Eugen Kogon citado seg. Hans Duus (Ed) *Europa als Wirklichkeit und Aufgabe*. Hamburgo 1954:19.

¹³ C.J. Burckhardt: citado segundo Hans Magnus Enzensberger «Ach. Europa» 1987:482. Francoforte/Meno.

¹⁴ Hans Magnus Enzensberger «Ach. Europa» 1987/484 Francoforte/M

abundância de tipos, nem a arbitrariedade mais desordenada na actuação dos vários povos podem levar-nos a esquecer o conceito duma unidade superior, proclamando: isto é a Europa! Uma sensação de unidade apesar da diversidade». (Salvador de Madariaga)¹⁵

«Mal as nações ocidentais se estenderam até as suas fronteiras actuais eis que em volta delas e atrás delas surge, como um pano de fundo, a Europa. A Europa — isto é a paisagem comum em que as nações se movem desde a Renascença; são elas próprias que formam esta paisagem comum que, sem que elas se apercebam disso, já começa a esquecer a sua diversidade bélica. Em cada geração nova as suas almas parecem mais uniformes ou, para exprimi-lo mais exacta e cautelosamente: os espanhóis, os alemães, os ingleses, os franceses são e continuam a ser tão diferentes uns dos outros quanto se pode imaginar; mas a todos é comum a mesma estrutura psicológica, focando os mesmos conteúdos. A religião, a ciência, a arte, os valores sociais e eróticos são assuntos comuns. São estas as substâncias espirituais em que se baseia a nossa vida. Portanto, a uniformidade é ainda mais acentuada do que seria se as nossas próprias almas fossem cunhadas no mesmo molde. Se avaliássemos hoje o nosso património espiritual — teorias e normas, desejos e hipóteses — revelar-se-ia que, na sua maior parte, não é oriundo da pátria respectiva, mas sim do nosso fundo europeu comum.

Dentro de nós o europeu sobrepõe-se ao alemão, ao espanhol, ao francês. Se tentássemos pensar, hipoteticamente, que tínhamos que viver exclusivamente daquilo que é «nacional», se tentássemos privar o alemão médio de todos os costumes, pensamentos e sentimentos que ele adoptou, provenientes de outros países do nosso continente, havíamos de ficar atónitos por verificar que uma existência assim limitada já é uma impossibilidade; oitenta por cento do nosso património íntimo são bens comuns europeus». (José Ortega y Gasset)¹⁶

É extremamente importante acentuar o papel do laço unificador que é a base comum da cultura europeia. *Um museu europeu tem que ser idealizado a partir do conceito da Europa.* A ideia «Europa» tem de se manifestar em toda a parte, tem de fazer-se sentir em qualquer parte do museu. Não deverá salientar-se um povo em especial. Deverá evidenciar-se o lugar que cada povo ocupa, bem como a sua contribuição específica à cultura europeia. Para terminar este conjunto de citações (que poderíamos continuar infinitivamente) relativas ao tema Europa, desejamos mencionar ainda o «Senior» da filosofia da história europeia global actuando na Alemanha, Albert Birgeler:

«Inesperadamente ofereceu-se à Europa, no campo dos impérios mundiais, uma oportunidade nova, provavelmente a última. O facto da Europa se ter tornado o «terreno entreposto» entre duas potências mundiais inimigas, fez nascer, contra a tradição e sua história referentes à linha de demarcação tornada «cortina de Ferro», uma tomada de consciência, a intenção de restabelecer a Europa no seu carácter de unidade independente... No âmbito espiritual a tarefa principal da Europa consiste na assimilação da sua história global, existente há milénios. Perante a unidade real e evidente desta história global deverá desaparecer a aspiração violenta de obter a totalidade, com a qual se manifestaram os movimentos intelectuais e as exclusões parciais das nações... a libertação do poder criativo é a contribuição para a renovação europeia que pode fornecer um conceito histórico dinâmico. Deverá alvejar-se mais que a série de imagens dos tempos passados, deverá ser a mola real da restauração política ou um diálogo livre de pontos de vista incompatíveis sob o prisma dogmático. O reconhecimento de todas as forças criativas dentro dos moldes da sua localização e da época em que actuaram corresponde a um serviço prestado à sua interpenetração e respeito mútuo»¹⁷.

A ANÁLISE DA SITUAÇÃO EXISTENTE

Pretende-se dotar o museu planeado, na sua parte essencial, com o património dos dois museus de etnologia (alemã), existentes nas duas partes de Berlim, bem como das colecções existentes no departamento Europa do Museu Etnológico de Berlim. (MV)

¹⁵ Salvador de Madariaga *Porträt Europas*. o, J, Estugarda P. 198

¹⁶ José Ortega y Gasset *Der Aufstand der Massen*, Estugarda 1949: P. 198

¹⁷ Albert Birgeler «Geschichte Europas» Friburgo 1958:442 f.

O campo de actividade no sentido de colecção dos Museus Etnológicos corresponde agora ao que Gerndt indica como sendo o campo de actividade da etnologia em geral.

— «Visa-se... uma área de objectos significativa do modo de estar na vida quotidiana, especialmente das camadas sociais inferiores e médias, apresentada, sob ponto de vista formal, por fenómenos quantitativos mais que individuais».

— «Cultura quotidiana», «Vida do dia-a-dia».

— «O que resta é a grande extensão do quotidiano, na verdade menos vistoso mas — vendo bem — não menos importante; é um «solo materno de que nasce a cultura da nação» (Albrecht Dietrich), ou — «o mundo da gente modesta» (Hermann Bausinger).

Reuniram-se, para o departamento Europa, pelo menos em parte, objectos típicos das diferentes camadas sociais, como aconteceu também nos museus de etnologia. Ao mesmo tempo consideraram-se, porém, muitas culturas de povos pequenos, especialmente existentes na Europa Oriental, sob um aspecto da sociedade na sua totalidade, não sob o ponto de vista de camadas sociais, separadas.

O campo, já em si bastante restrito, onde os museus etnológicos e, em parte, a Secção Europa podem procurar objectos para as suas colecções, foi ainda mais limitado, na prática museológica, pela concorrência de numerosas instituições possuindo colecções que, em certos sectores especiais, são de carácter igual ou semelhante.

— museus de arte (em especial aqueles que focam a arte existente antes da definição do conceito burguês da arte)

— museus de artesanato

— arquivo estatal secreto

— biblioteca nacional

— biblioteca de arte

— arquivo do «Bauhaus»

— museu do transporte e técnica

— arquivo do «Werkbund» — museu da cultura do quotidiano do século XX

— Museu Histórico Alemão

— Museu Brandeburguês

— Museu de Berlim

— Biblioteca Comemorativa da América

— FU Berlim — Área especial de história económica e social

— Instituto Friedrich Meinecke

— Biblioteca Universitária

— Comissão Histórica de Berlim

— Arquivo Estatal de Berlim

Com respeito a esta «concorrência», surge logo a pergunta se se justifica a existência de dois museus etnológicos no campo museológico de Berlim. O âmbito de uma colecção do «Quotidiano», por eles reivindicado é difícil de definir e distinguir, nem se pode atribuí-lo especificamente a um museu. Assim, o conceito do «Quotidiano» é pouco apropriado para formar o ponto de partida para o princípio a que há-de obedecer uma colecção. Além disso, é insuficiente, pois é evidente que deverá atribuir-se também espaço ao não-quotidiano, às festas e cerimónias. Se bem que seja de grande importância mostrar o dia-a-dia dos camponeses e o dos proletários, tal como a etnologia o fez no passado, expressamente e com sucesso, a limitação ao «mundo dos humildes» em exclusivo parece uma limitação desnecessária e injustificada. Além disso podia até causar a impressão que nas colecções seriam incluídos apenas aqueles objectos que sobejavam do trabalho dos museus especiais.

A ambição da etnologia de abranger a sociedade na sua totalidade requer, também para o âmbito «Europa», o estudo de *todas* as partes da sociedade, ou seja: a cultura total. Da mesma maneira como os etnólogos focam a vida dos Sultões de Bamum/Kamerun, eles deviam interessar-se igualmente, por exemplo, pela vida da Casa Real da Inglaterra, ou por outros sectores das camadas superiores. É precisamente o inter-relacionamento de todas as partes da sociedade que nos parece de interesse especial para um museu deste cariz. Convinha, também, atribuir mais espaço à cultura do século XX, seguindo, mais ou menos, os mesmo princípios concretizados nas colecções do

Arquivo do «Werkbund».

O QUE DEVERÁ ABRANGER UM MUSEU «EUROPEU». POSIÇÃO ESPIRITUAL EM RELAÇÃO A OUTROS MUSEUS

Não se pretende intervir, com o exposto no capítulo «Análise», na discussão conceptual da etnologia universitária. Esta última não tem, para o projecto em vista, senão uma relevância relativa, pois trata-se, no que planeamos, de uma coisa completamente nova, que ultrapassa, de longe, o âmbito daquilo que se entendeu, até hoje, como sendo objectivo da etnologia museológica.

Um museu europeu tem de ser mais que a soma das suas partes. Em especial, não poderá ser, por assim dizer, um museu de etnologia alemã, transportada para o nível europeu. Mas tem de ser, também, mais que um museu etnológico em ponto pequeno. Deverá definir-se, inequivocamente, como «museu de cultura» integrativo no sentido de uma etnologia geral. Além disso, deverá desempenhar um certo número de funções aditivas de cultura política que decorrem da relevância política e social do tema «Europa». A base científica situa-se na ciência e história da cultura. Um museu deste cariz relaciona-se, como qualquer museu etnológico, com a interpretação de dados culturais. Estabelecem-se comparações apenas entre elementos de importância idêntica; não deverá servir apenas um povo em especial como ponto de referência para a comparação. Situa-se no âmago da pesquisa, como é o caso na etnologia multi-nacional, o problema da génese e da função da cultura. Não deverá abstrair-se das relações da Europa com as outras partes da cultura mundial, apesar do Museu da Europa ficar separado do Museu de Etnologia.

Como já dissemos, a base de um museu da Europa tem de ser determinada por um conceito cultural da sociedade na sua totalidade, ou seja um conceito da cultura etnológica apenas ampliada por alguns aspectos especiais. Limitá-lo meramente às sociedades pré-industriais não me parece corresponder aos seus fins. Um museu deste género abrange uma parte essencial daquilo que não está incluído no material dos museus especializados na sua totalidade, quer sejam os museus de arte, de instrumentos de música, de artesanato, etc.: a história da cultura europeia. Neste sentido o museu representa o conceito que integra os processos históricos, culturais e sociais. «Cultura do quotidiano» não pode, portanto, significar a cultura da gente humilde, mas sim de toda a gente, não menosprezando por isso os méritos de muitas pesquisas e trabalhos que concentram a sua atenção exclusivamente na ampla corrente da cultura básica, não incluindo os produtos superiores da alta cultura.

O que está no campo de visão da etnologia europeia é a cultura da sociedade na sua totalidade. Pretende-se encarar de modo «holístico» (Bateson, Bohm)¹⁸ a cultura (culturas), o que significa considerar o relacionamento e as correlações entre os elementos como sendo essenciais, criando-se, assim, um sistema, uma rede de conhecimentos do objecto (neste caso da Europa).

Não se deve continuar a limitar os objectivos (o que resulta apenas da força das circunstâncias) a aspectos parciais da cultura. Uma visão global da cultura deverá abranger todos os sectores da sociedade e da própria cultura. Para concretizar este conceito impõe-se utilizar também objectos pertencentes aos museus de arte e de artesanato.

Não se pretende com a criação de um museu da história das culturas europeias implementar um plano megalómano. Nem se visa negar justificação à existência das «instituições concorrentes», mencionadas no capítulo «Análise». Pelo contrário — deverá planear-se o museu europeu no seu papel de factor unificativo espiritual, concreto, unindo todos estes museus especializados que mostram apenas recortes ampliados de sectores parciais da cultura total. Apresentar as culturas dos povos, renunciando incondicionalmente a valores estéticos considerados elevados não corresponde ao verdadeiro sentido das intenções.

Citemos um exemplo: a «Ronda» de Rembrandt não seria apresentada no Museu Europeu apenas sob o prisma meramente estético como é o caso num museu de arte. Podiam derivar-se deste quadro muitas informações sobre os Países Baixos, sobre os clubes dos atiradores, sobre trajes/

¹⁸ Bateson, Gregory «Geist und Natur Eine notwendige Einheit» 1984: 116 Francoforte/M. Bohm, David Wholeness and the implicate order. 1950. London.

modas ou outros aspectos, até sobre uma época cultural inteira da Europa Ocidental. Ao mesmo tempo, porém, quadros deste género (ou outras obras de arte) têm o poder de conferir às exposições do museu uma dimensão estética, uma amplitude original e fascinante que, até hoje, foi negada ao museu etnológico tradicional.

OBJECTIVOS

O objectivo de um museu europeu em Berlim deverá ser:

- transmitir a ideia de «Europa»
- reforçar a consciência de uma cultura europeia comum
- demonstrar esta cultura europeia comum
- explicitar a unidade espiritual da Europa, definir o seu carácter e as suas origens
- mostrar a diversidade da Europa, as suas inter-relações, os seus problemas e as suas vantagens, por outras palavras: oferecer uma ampla imagem dos povos europeus, dando relevo às suas características individuais e às suas semelhanças
- integrar, em face dos esforços políticos de conseguir a união da Europa, o museu num discurso político-cultural tendo em mente a situação actual
- criar um centro neutro da cultura e um ponto de partida para a identificação dos estrangeiros europeus fixados em Berlim
- estimular a identidade europeia com o fim de ultrapassar a atitude nacionalista e racista.
- dialéctica: é preciso realçar que os alemães representam apenas uma unidade entre cerca de 150 unidades étnicas, mais ou menos importantes, existentes na Europa. Por outro lado, e devido à sua posição geográfica, a maior parte dos visitantes será constituída por alemães. Integrando a sua própria cultura deverá criar-se, a partir do seu próprio mundo empírico, um caminho conduzindo à compreensão do mundo dos outros.
- O «Museu da Europa» corresponde a um museu etnológico moderno, mas focando especificamente a Europa. Deverá oferecer aos europeus e aos visitantes vindos de outras partes do mundo, as possibilidades de se orientar sobre a história e a situação actual da Europa que abrange o território desde o Atlântico até ao Ural, sobre as famílias linguísticas e as línguas, os povos maiores e os pequenos, os desenvolvimentos nacionais, regionais e locais, sobre a contribuição das várias nacionalidades para a evolução da Europa, sobre religiões e confissões, contos da fada, literatura, artes plásticas e música, artesanato e arquitectura, agricultura, comércio e indústria, cultura urbana e rural, sobre a política nacional, inter-regional e internacional, bem como sobre problemas ecológicos, sobre traços comuns e diferenças surgidas nos povos da Europa, e sobre as irradiações e inter-relações com outros continentes no passado e no presente» (Rüdiger Vossen)¹⁹.

ÂMBITO DAS COLECÇÕES

— geograficamente

Estende-se à Europa toda, desde a Islândia até ao Ural, e do Cabo do Norte até Malta. Além disso, inclusão do Cáucaso e de Chipre. Não é indispensável incluir a Turquia asiática, áreas cuja cultura se misturou com culturas europeias ou culturas de emigrantes europeus.

Objectos existentes no Museu de Etnologia e no Instituto Ibero-Americano relacionados com as culturas mistas europo-afro-índias da América Latina (cerca de 2.500 objectos)

Eventualmente alguns objectos existentes no Museu de Artesanato (por exemplo faianças italianas).

Além dos mencionados, seriam pedidos de empréstimo também outros objectos pertencentes a museus designados de «competição», mas, por princípio, apenas em parte.

Objectos provenientes de regiões da União Soviética não incluídas no âmbito geográfico focado pelo Museu da Europa (Sibéria, Ásia Central) seriam pedidos, de empréstimo, em casos especiais e destinados a exposições SU.

¹⁹ Rüdiger Vossen. op. cit. p. 122.

Colecção do Arquivo do «Werkbund» (ver o capítulo seguinte «Instituições»)

INSTITUIÇÕES A CONVIDAR PARA PARTICIPAR

- Museu Etnológico
 - Secção Europa
 - Secção Arqueologia Americana
 - Secção Povos primitivos da América (?)
 - Secção Etnologia Musical
- Museu de Etnologia da Alemanha, incl. Colecção Weinhold
- Museu de Etnologia
- Instituto Ibero-Americano
- Museu de Instrumentos de Música
- Arquivo do «Werkbund» (participação na função de Instituição independente, pôr à disposição espaço para exposições)
- Serviços da Imprensa e Informação da CEE e outras instituições europeias
- Delegados do Senado para estrangeiros
- Junta para o estrangeiro.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO CONTEÚDO DO MUSEU

Aqui pretendemos apenas focar a área de exposição. É evidente que o Museu deverá englobar, além desta área, salas para os serviços administrativos, colecções de estudo com acesso ao público, biblioteca, oficinas de restauro, atelier gráfico, salas de reuniões, restaurante, salas de trabalho para estudantes/centro pedagógico, eventualmente mesmo um infantário e quartos para visitantes. Convém lembrar que o Museu serviria também de local para congressos e outras reuniões tratando a temática europeia.

IMPLANTAÇÃO GEOGRÁFICA/ESPAÇO NECESSÁRIO

Uma localização conveniente para o museu planeado afigura-se-nos ser a proximidade dos museus especializados em assuntos de cultura europeia e do antigo muro de Berlim, pois seria um símbolo inequívoco da superação da divisão da Europa, divisão esta agora substituída pelo conceito da Europa unida.

Espaço necessário: cerca de 20.000 m² (6.000 m² para exposição, 12.000 m² para colecções de estudo, 2.000 m² para outros serviços, biblioteca, arquivos etc.)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE — ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Se bem que as exposições permanentes tenham originado certas críticas (até certo ponto justificadas), não convém, porém, renunciar totalmente à sua organização, sendo, no entanto, imperativo actualizá-las com intervalos regulares. Tais exposições fixas representam a base integrativa do museu, sem a qual seria, para o visitante, um conjunto de espaços culturais desordenados, sem inter-relacionamento. O visitante normal ficaria sem compreender porque é que os búlgaros, por exemplo, mas também os dinamarqueses fazem parte da Europa — por outras palavras, quais as razões que justificam que se fale numa «cultura europeia». O total da exposição, quer permanente, quer a temporária, é dividida em quatro grandes partes temáticas inter-relacionadas que, por sua vez, ainda são subdivididas. Duas delas fazem parte da «introdução», ocupando cerca de um terço da superfície disponível, e que deverá manter-se durante um tempo prolongado (cerca de dez anos), prevendo-se, porém, a

possibilidade de actualizar determinadas partes a curto prazo, sempre que isto se mostre necessário. Convinha que a exposição permanente fosse equipada com um «Sector de Serviço», destinado principalmente ao uso de estudantes e outras pessoas particularmente interessadas.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE — ORGANIZAÇÃO DOS SEUS OBJECTOS

I — Introdução

1. *Âmbito temático* — panorama histórico e história das ideias
O que foi a Europa — o que é a Europa
(Denominação, definições culturais, históricas e geográficas)
Origem do Ocidente — o surgimento dos primeiros europeus
Evolução do Ocidente cristão até as estados nacionais modernos
O conceito da «Europa»
A Europa no mundo actual
2. *Área temática* — *Aspectos gerais*
Fases da Europa
Povos e línguas
Religiões
Minorias — maiorias
Estereótipos e alcunhas — a cultura dos conflitos entre vizinhos
A Europa vista pelas ciências culturais
Instituições europeias
O tema «Europa» na história da arte europeia
Os europeus vistos do lado de fora (retratos de europeus na arte plástica dos povos não europeus)
Âmbito de Serviços
Sistemática das técnicas têxteis
Técnicas fundamentais do artesanato europeu tradicional
Arte plástica — modificações nas formas e materiais básicos tradicionais

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS — ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

As exposições temporárias, destinadas a ocupar dois terços da superfície disponível, são também divididas em dois grandes grupos temáticos. Também estes compreendem sempre um elemento fixo, ou seja uma «unidade de orientação». Esta desempenha o papel do «fio condutor», permitindo aos visitantes orientarem-se na diversidade europeia que se pretende mostrar em pormenor nas exposições temporárias. Além disso convinha prever-se uma grande sala destinada a exposições especiais, onde se podem apresentar vertentes não consideradas noutros sectores, principalmente temas não confinados a um único sector.

Na *área temática 3*, a primeira dentro da área das exposições temporárias, apresentam-se temas especiais comparativos, tais como «festas» ou «música». A «unidade de orientação» mostra, por exemplo, no caso do tema «festas», brevemente, quais são as festas que se celebram na Europa, e explica-se, dentro do possível e resumidamente o seu conteúdo, ilustrando-as por meio de algumas fotografias. Deste modo facultar-se uma ideia geral ao visitante. A seguir, pode passar-se ao pormenor, tratando, por exemplo, o assunto «Natal na Europa», ou, apenas, Natal em Erzgebirge, pois, graças ao que colheu na «Unidade Orientadora», o visitante tem a possibilidade de integrar esta exposição especial num conjunto mais vasto. Uma exposição deste género mantém-se aberta durante cerca de um ano. A seguir, é transferida para a colecção de estudo, podendo dar-se acesso aos objectos nela incluídos também a visitantes particularmente interessados no tema tratado, enquanto se pode admirar, na exposição temporária, por exemplo objectos ilustrando usos e costumes observados no mês de Maio.

A *área temática 4* que mostra os espaços culturais da Europa na sua localização geográfica, com subdivisões em povos, seria organizada segundo princípios semelhantes. Prever-se-á, para cada povo existente nos sete espaços culturais tratados, uma estrutura básica (por exemplo «modo de vida», «alimentação», «vestuário/trajes/moda»), referida na «Unidade Orientadora». Aplicando o princípio dos «elementos a combinar», juntam-se, a partir desta estrutura, alguns elementos para serem tratados em exposições especiais, por exemplo, simultaneamente relativos ao espaço cultural «Escandinávia/Países Bálticos» o tema «Alimentação», para o espaço cultural «Europa Meridional/Balcãs» o tema «Arquitectura», para a «Europa Central» «Trajes de camponeses no Sudoeste da Alemanha», ou, para a «Europa de Ocidental» «Amuletos da Bretanha». Não se pode considerar uma exposição de todos os elementos, isto seria impossível, e, além disso, tornar-se-ia enfadonho. Mas a «Unidade Orientadora» habilitará o visitante a incorporar exposições, mesmo muito especializadas, numa unidade total. Podem substituir-se os elementos apresentados por outros, com intervalos mais ou menos grandes, conforme a disponibilidade de pessoal e material, e conforme a situação da pesquisa. Assim, cria-se uma exposição, em princípio permanente, mas sempre remodelada, não necessitando, para esta reorganização, de meios financeiros importantes, mas que suscitará, no visitante, um interesse sempre avivado. Quando se trata de temas determinados, tratados na exposição apenas à margem, convinha indicar qual o museu especial em Berlim onde o visitante poderá encontrar eventualmente uma apresentação mais ampla do assunto.

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS — ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO

II — Cultura europeia em pormenor:

3. Área temática — exposição especial comparativa
 - Festas
 - Música
 - Contos de fadas/pesquisa da literatura narrativa
 - Emigração/imigração
 - Europeus no Ultramar — as culturas dos colonos
 - Turismo
4. Área temática — Espaços culturais europeus na sua integração europeia
 - a) tradições culturais nas áreas rurais
 - Escandinávia — Báltico
 - Europa Ocidental
 - Europa Central
 - Europa Oriental
 - Europa Meridional do Sudoeste
 - Europa do Sudeste e os Balcãs
 - Cáucaso

Cada um destes espaços culturais está sub-dividido em povos, cuja cultura será descrita nas áreas seguintes:

 - Tecnologia/ergologia/profissões/artesanato/objectos caseiros/arquitectura/arquitectura interior/móveis
 - Utensílios caseiros
 - Estrutura social
 - Alimentação
 - Jogos
 - Vestuário/trajes/moda/têxteis
 - Modas de vida
 - Currículo anual
 - Religião/magia/crenças populares
 - b) Tradição cultural urbana
 - Culturas das grandes cidades
 - (exemplo: Moscovo, Praga, Berlim, Paris, Londres, Roma, Atenas)

- Cultura da pequena burguesia
(Exemplo: Alemanha/«allotted» Gardens, Dinamarca, França)
- Cultura dos trabalhadores manuais
(Exemplo: Região do Ruhr, Inglaterra, França do Norte)
- Cultura das camadas sociais superiores
(Exemplo: Clubes, casta dos oficiais, «Grandes» espanhóis, «honra»)
- c) Estrangeiros não estimado sou os primeiros europeus do Continente total
 - Cultura e destino dos judeus europeus
 - Cultura e destino dos ciganos europeus
 - Emigrantes temporários

ACTIVIDADE DE COLECIONAR

Impõe-se submeter a actividade de coleccionar aos vários temas, tendo em vista os diferentes elementos a expor. Desta necessidade resulta a renúncia parcial à «função arquivadora» até hoje ambicionada e, assim, o abandono das compras em série, por assim dizer «por hipótese», por exemplo cinquenta trajes de uma pequena região na Eslováquia. Compras em série só podem admitir-se em casos especiais que as justifiquem. Dado que a parte dos países não pertencentes à Alemanha é pouco representativa, esta parte terá que ser reforçada decisivamente por compras a realizar. Ao mesmo tempo deverá intensificar-se e organizar-se a obtenção de dádivas, o que seria particularmente proveitoso no caso da parte da Europa Central. É indispensável que os cientistas constituam, eles próprios, colecções. Não é desejável proceder preponderantemente a compras a concluir com comerciantes. É evidentemente imprescindível consultar colegas vivendo nos países de que se pretende constituir uma colecção. Além disso, todos deviam, por hábito, proceder a pesquisas etnológicas de campo, mesmo sob condições primitivas, pois sabemos por experiência que é assim que se conseguem colecções realmente representativas. Tem que se exigir também um conhecimento aprofundado da língua da região visada, pois este conhecimento é a «conditio sine qua non» para chegar a conhecer as pessoas aí viventes e o seu sistema de valores. De resto, a maior parte da literatura que é necessário estudar costuma ser redigida nas línguas regionais. Deverá evitar-se uma etnologia «realizada ficando sentado na secretária», bem como a limitação a meros estudos de arquivos. Para facilitar às colegas e aos colegas a habilitação a estes métodos de trabalho, recomenda-se que se lhes conceda um ano inicial, dedicado a estudos, e durante o qual seriam dispensados de grande parte do trabalho quotidiano no museu.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO MUSEU

Em resumo

Além dos etnólogos certamente presentes em grande número na instalação do Museu da Europa, será imperioso contratar vários outros etnólogos, bem como, eventualmente, um perito de história, e um de história de arte. É também importante contratar um arquivista, um técnico de meios de comunicação, um técnico de relações públicas, etc. Convinha também dispor de fundos financeiros permitindo obter, para exposições projectadas e em casos determinados, a colaboração de cientistas estrangeiros. A repartição das áreas de trabalho no museu pode realizar-se com base em aspectos temáticos ou geográficos. No entanto, tanto um princípio como o outro, observado separadamente, pode levar a uma situação de «morgadio» contraproducente, opondo-se ao conceito básico do museu. Se, por um lado, uma especialização se apresentar indispensável por razões pragmáticas, tem que se insistir, pelo outro lado, num diálogo permanente mantido entre os cientistas, a fim de satisfazer as prestações do museu, nomeadamente para se realizarem exposições comparativas. Parece-nos ser indicado combinar os dois princípios, com outras palavras: cada cientista teria de dirigir uma área geográfica limitada e, ao mesmo tempo, uma área não determinada por uma região geográfica (por exemplo: Sudeste da Europa/Balcãs e têxteis/trajes/moda/vestuário; ou Escandinávia/Báltico e Religião/magia).